

# A CARTA PSICOGRAFADA

Aldemario Araujo Castro  
Advogado  
Mestre em Direito  
Procurador da Fazenda Nacional  
Brasília, 25 de agosto de 2024

Daniel e Gabriel eram irmãos inseparáveis. Alguns sérios problemas de saúde na infância forjaram um forte vínculo de amizade e cumplicidade. Desde muito pequenos, compartilhavam segredos, aventuras e uma compreensão mútua que dispensava palavras. A vida, em especial os afazeres profissionais, os levou por caminhos distintos. Entretanto, aquela especial conexão entre eles jamais se enfraqueceu.

Quando Daniel, aos 45 anos de idade, foi acometido de uma doença fatal, Gabriel, com seus 47 anos, foi seu fiel companheiro. Esse último, permaneceu ao lado do amado irmão até o último suspiro. O luto de Gabriel foi profundo. A dor da ausência de Daniel parecia insuportável.

Alguns anos depois do falecimento de Daniel, chegou ao conhecimento de Gabriel a notícia da existência de um médium em uma cidade próxima que realizava sessões de psicografia. Naquele momento, a saudade do irmão falou mais alto que o ceticismo de Gabriel em relação à possibilidade de comunicação com os mortos.

No início da noite de uma quinta-feira, Gabriel chegou à modesta casa do médium. A sala de trabalho de Chico Franco era simples, mas estava lotada de pessoas. Depois de quase três horas de espera, Gabriel foi chamado pelo nome, apesar de não ter se apresentado a ninguém e muito menos conhecer qualquer pessoa no local.

Gabriel sentou-se em frente ao conhecido médium. Ele pediu que Gabriel fechasse os olhos, relaxasse e pensasse em Daniel. Após





alguns minutos em silêncio, o médium começou a escrever intensamente. Depois de terminar de escrever, Chico Franco entregou uma carta a Gabriel, que a recebeu com as mãos visivelmente trêmulas.

A primeira surpresa de Gabriel foi com a caligrafia extremamente semelhante à de Daniel. A segunda surpresa, verdadeira perplexidade, decorreu dos fatos detalhadamente descritos na mensagem. A carta mencionava situações e informações que apenas os dois irmãos conheciam. A menção ao esconderijo, na casa da avó Teresa Regina, onde guardavam as figurinhas de vários álbuns deixou Gabriel literalmente sem respirar. Nenhuma das informações, em especial o esconderijo das figurinhas, foi compartilhada com ninguém, nem mesmo com os pais.

A carta também tratava de um grande desentendimento entre Daniel e Gabriel quando eram adolescentes. O acontecimento sempre causou muita angústia para Gabriel. Daniel, por intermédio da missiva, reconheceu sua teimosia e pediu desculpas. Disse, ainda, que admirou e continuava admirando cada vez mais o irmão. Registrou que em todas as suas vidas conheceu muito poucos espíritos tão pacientes, bondosos e dispostos a ajudar ao semelhante. Gabriel não conseguiu conter as lágrimas. Com a carta nas mãos, Gabriel sentiu um forte alívio ao ler as palavras de perdão que tanto precisava ouvir.

A parte final da mensagem foi a mais impressionante. Nela, Daniel descrevia um sonho que Gabriel teve na semana anterior e não revelou para ninguém. No sonho, os irmãos estavam juntos em um campo florido e ensolarado, conversando e rindo, como nos tempos de juventude. Daniel disse na carta que aquele sonho era a forma de demonstrar que ele estava em paz e que os dois permaneciam profundamente conectados, mesmo em planos existenciais diferentes.

O ceticismo de Gabriel foi profundamente abalado pela precisão e detalhes contidos na carta. A comunicação com o irmão falecido era um dado objetivo e incontestável. As explicações para o ocorrido escapavam integralmente ao entendimento de Gabriel. Entretanto, ele compreendia e





experimentava muito bem uma sensação de conforto e resignação em relação à perda do irmão.

Gabriel iniciou, alguns dias depois, as leituras dos livros de Allan Kardec. Na obra “O Livros dos Médiuns” encontrou a seguinte passagem: “178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. É para ele que se devem encaminhar todos os esforços, porque permite estabelecer com os Espíritos relações tão seguidas e tão regulares como aquelas que existem entre nós. Deve-se dedicar tanto mais a ela porque é pela escrita que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau de perfeição ou de sua inferioridade. Pela facilidade que têm de se exprimir, eles nos fazem conhecer seus pensamentos íntimos e nos colocam em posição de julgá-los e apreciá-los em seu justo valor. A faculdade de escrever, para um médium, é a mais suscetível de se desenvolver pelo exercício”.

O estudo cuidadoso e raciocinado do espiritismo abriu fronteiras antes inexploradas para o curioso espírito de Gabriel. Inúmeros aspectos da vida, antes encobertos no mais profundo mistério, passaram a fazer sentido e se encaixar como uma peça de quebra-cabeça na fascinante cosmovisão espírita.

